

Tema: Sector Vitivinícola						Âmbito: Nacional	Tiragem: 60457
Título: Desta vez é que vai ser?						Temática: Generalista	GRP: 5.1
2006/09/02	PUBLICO – LOCAL PORTO		Pág. 50			Imagem: 1/1	Periodicidade: Diária

Desta vez é que vai ser?

Qualquer visitante que conheça a soberba paisagem de montanhas e vinhedos do Alto Douro vinhateiro, um “excesso da natureza”, como lhe chamou Miguel Torga, perceberá imediatamente qual é uma das maiores fragilidades da paisagem “cultural, evolutiva e viva” que a UNESCO classificou como património mundial: os aglomerados urbanos.

As localidades do Douro foram construídas casuisticamente, sem planeamento nem organização, e as aberrações urbanísticas pontuam a paisagem. Abundam um pouco por todo o lado. O Douro tem ainda um longo caminho a percorrer para valorizar a sua paisagem urbana.

Em 2001, durante a preparação da candidatura do Douro vinhateiro à UNESCO, a Fundação Rei Afonso Henriques, promotora da iniciativa, enfrentou um dilema. O que fazer com os aglomerados urbanos do Douro: escondê-los como se não existissem ou assumi-los? Na altura, de forma corajosa, o Governo de então, liderado por António Guterres, assumiu o risco de incluir na candidatura as aldeias degradadas, prometendo apoiar financeiramente a requalificação urbana nesses locais.

A equipa técnica responsável pela candidatura apresentou assim à UNESCO um plano que garantia a gestão e salvaguarda da paisagem cultural do Douro vinhateiro, que se traduziu na elaboração do Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território (PIOT). Este instrumento de gestão territorial, o primeiro do género a ser elaborado no país, prevê uma série de orientações para os 13 concelhos que estão incluídos na mancha classificada. Alguém se lembra disso? Alguém sabe quais os municípios que transpuseram

CELESTE PEREIRA

Escassas e vagas, as promessas de Sócrates no Douro soaram a *déjà vu*. Mais uma vez um primeiro-ministro foi ao Alto Douro fazer um grande número para as televisões. Será que desta vez é que vai ser?

para os seus planos directores municipais as orientações do PIOT, e as tornou vinculativas?

O PIOT previa também a criação de duas estruturas de apoio à gestão e salvaguarda da paisagem. O Gabinete Técnico Intermunicipal, com funções de ordenamento e gestão do território, foi criado, mas nunca foi eficaz, e morreu daquilo que se pode chamar morte natural. Ninguém protestou contra a sua suspensão. Quem se lembra disso? A Associação Promotora do Alto Douro Vinhateiro, com funções consultivas e de promoção e dinamização da região, também foi criada. Alguém dá pela sua existência?

Onde pára o programa de acção para a mitigação de intrusões paisagísticas em aglomerados urbanos, surríveis e patamares resultantes do plantio de novas vinhas e lixeiras, entre outras? Quem executou os previstos planos de pormenor nos aglomerados urbanos inseridos na mancha classificada? Alguém reparou que

o plano de gestão da mancha classificada prevê intervenções concretas com vista à requalificação de povoados como Pinhão, Covelinhas, Valença do Douro e Caldas de Moledo?

Hoje mesmo, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte lança um prémio de arquitectura no Douro para “estimular boas práticas arquitectónicas” na região demarcada. Alguém acredita que a iniciativa isolada vai estimular a “excelência no domínio do ordenamento e desenvolvimento territoriais”, como pretende aquele organismo desconcentrado?

A verdade é que cinco anos depois da atribuição do galardão da UNESCO ainda não existem medidas concretas sobre esta matéria fulcral e estratégica no Douro vinhateiro. Anteontem, na pomposa e concorrida cerimónia de lançamento dos 250 anos da Região Demarcada do Douro – não havia passeadeira vermelha à entrada da Casa do Douro, onde se realizou o acontecimento, mas a chegada das figuras públicas e governantes em carros conduzidos por motoristas sob os olhares atentos e embevecidos dos cidadãos que aí se amontoaram mais fazia lembrar uma noite de óscares –, o primeiro-ministro nada anunciou.

Apenas prometeu criar uma estrutura de missão capaz de fazer a ponte entre a administração local, os privados e a sociedade civil, e o “maior empenhamento” do Governo na criação no Douro de um “novo pólo turístico nacional”. Sobre os aglomerados urbanos, limitou-se a exaltar a importância do rigor e exigência no seu tratamento.

Escassas e vagas, as promessas de Sócrates no Douro soaram a *déjà vu*. Mais uma vez um primeiro-ministro foi ao Alto Douro fazer um grande número para as televisões. Será que desta vez é que vai ser? ■

FERNANDO VELUDO



Hip hop para a integração social

O primeiro festival de hip hop de Campanhã, organizado há uma semana pela associação juvenil Coragem Acima de Outras Situações (CAOS), mostrou ao Porto que ainda há muito trabalho por fazer em matéria de integração social. A iniciativa que reuniu jovens dos bairros sociais do Lagarteiro, Cerco e São Vicente de Paulo terminou em comportamentos violentos. Antes mesmo de os concertos terem início, Jorge Vinhas, responsável pela CAOS, já aventava a hipótese de haver confusão.

“Muitos jovens, e de bairros diferentes, pode dar problemas”, afirmou o dirigente, que, depois, comentaria que “carências afectivas” estariam na origem da zangada. É talvez sinal de que são necessárias mais actividades como as que a CAOS desenvolve na freguesia, que incluem torneios de futebol e projectos de promoção da auto-estima. Que sejam bem-vindas mais acções que contrariem o acumular de “políticas erradas”, “preconceitos” e “contingências económicas”. ANDREIA AZEVEDO SOARES